Leitura popular da Bíblia: intuição e prática

Kinno Alves Cerqueira[1]

Resumo

A Leitura Popular da Bíblia (LPB) apresenta-se como uma proposta de como ler e interpretar a Bíblia. Diante disso, objetivamos, com este trabalho, perseguir a intuição fundamental da LPB e descrever sua prática nas comunidades de fé. Para tanto, este texto está dividido em três partes: na primeira parte, destacamos algumas passagens bíblicas a partir das quais a Bíblia pode ser concebida como um espelho de nós; na segunda parte, apresentamos a proposta de reatar os nós entre vida e Bíblia; na terceira parte, descrevemos a maneira como a LPB costuma ocorrer nas comunidades de fé. A metodologia utilizada consistiu em análises de textos bíblicos e consulta bibliográfica. Os resultados deste trabalho esperam por surgir no interior de seus leitores e leitoras.

Palavras-chave: Hermenêutica bíblica contextualizada. Leitura Popular da Bíblia. Vida e Bíblia. Pobres.

1 A Bíblia: espelho de nós

Avizinhar-se da Bíblia é uma experiência de abertura ao imprevisível. Ao lermo-la, damo-nos conta de que nossos olhos não percorrem meras páginas de papel, mas sim as páginas de nossa própria vida. Somos, por isso, facilmente tomados por uma sensação análoga à que freme nestas palavras de Marcel Proust: "...parecia-me que eu era o assunto de que tratava o livro..." (PROUST, 1982, p. 7). A verdade é que, quando se trata da Bíblia, lê-la é lermo-nos a nós próprios.

Ao penetrarmos a Bíblia, flagramo-nos a brincar felizes por um jardim e a chorar a dor do desterro (Gn 1–3); a parir lindos filhos e a sofrer seus fratricídios (Gn 4,1-16; 2 Sm 13,23-37); vemo-nos a migrar em busca de uma vida melhor e a passar à condição de escravos naquele mesmo país que dantes nos acolheu (Gn 46–50; Ex 1–3); assistimo-nos a alcançar a liberdade e a desejar retroceder à condição de

[1] Bacharel em Teologia. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Teologia (PPGTEO) da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Bolsista da CAPES. *E-mail: kinno_cerkeira@hotmail.com*

escravidão (Ex 14,10-12); a conquistar uma terra que mana leite e mel e a derramar lágrimas por dela sermos arrancados para uma terra estrangeira (Js 21,43; 2 Rs 23,31–25,26); a cantar enquanto regressamos para casa e a angustiarmo-nos por encontrarmo-la devastada (Ed 1,1-11; Nm 2,3). Ao lermos as histórias da Bíblia, descobrimo-las como sendo nossas próprias histórias.

Isto se explica por ser a Bíblia um genuíno *textus* (lat.), isto é, uma colcha de muitas cores formada mediante o entrelaçamento de fios coloridos e diversos; um texto de muitos textos falantes e andarilhos; um mosaico de utopias e esperanças, de carne e sangue, de desejos e sonhos, enfim, de gente como a gente... À medida que a leitura da Bíblia nos ajuda a descobrir a natureza textual de nossas próprias vidas, damo-nos conta de que ler a Bíblia é sempre uma experiência de intertextualidade, uma vez que inaugura o encontro do *texto de papel*, que é a Bíblia, com o *texto de carne*, que somos nós.

Caminhar pela Bíblia é rumar para dentro de nós mesmos, é descobrir nossas palavras em outros lábios, perceber nossas emoções em outros corações, encontrar nossos desejos em outros corpos... Nas andanças por suas páginas, reconhecemo-nos no *protesto* de Jó: "[Senhor], tu te tornaste cruel para comigo; com a força da tua mão me persegues" (Jó 30,21), como também na *declaração de amor* do salmista: "Eu te amo, ó Senhor, força minha" (Sl 18,1); por vezes, torna-se nossa a *decepção* de Jeremias: "[Senhor], tu és para mim como lago enganador, águas nas quais não se pode confiar" (Jr 15,18), assim como sua *declaração em tom erótico*: "Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste" (Jr 20,7); e, não raras vezes, aparece-nos como um autorretrato os arroubos do amor, a chama da paixão, a semântica orgástica que costura o Cântico dos cânticos com línguas, beijos, nudez, pernas, seios, umbigo e vinho, muito vinho:

"...mel e leite estão debaixo da tua língua, noiva minha...

Tua boca é como vinho delicioso...

Eu já tirei a roupa; terei que a vestir novamente?

Teus seios são como cachos de uva...

Teu umbigo... essa taça redonda em que nunca falta vinho

Estou desmaiando de amor...”[2]

Ainda descobrimos que a *indignação* que nos habita também corre nas veias de Amós: “Esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos pobres...” (Am 2,7), e que a *utopia* de Isaías está inscrita no interior de nós próprios: “o lobo morará com o cordeiro e o leopardo se deitará com o cabrito; o bezerro, o leãozinho e o gordo novilho andarão juntos e um menino pequeno os apascentará. A vaca e o urso pastarão juntos, juntas se deitarão os seus filhotes. O leão se alimentará de palha como o boi. A criança de peito brincará junto à toca da serpente e a criança desmamada meterá a mão na morada do lagarto. Ninguém fará o mal ou destruição alguma... a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar” (Is 11,6-9).

Quando Jesus acolhe os pecadores, somos nós quem nos sentimos agasalhados em seu colo; quando diz que dos pobres é o Reino de Deus, é a nós que nos balbucia a esperança de um mundo melhor; quando aplaca as ondas e os ventos tempestuosos, é a nossa vida que passa a fruir a sua paz; quando é crucificado, descobrimos nosso próprio corpo mutilado; e quando ressuscita, somos nós que saímos do sepulcro para a vida.

2 Vida e Bíblia: reatar os nós

Notamos, sem demora, que em cada página da Bíblia podemos sentir os sabores da vida, pois a Bíblia, muito antes de dizer para nós, diz de nós, de nós em relação com conosco mesmos, com os outros e com a vida em sentido lato. A Bíblia aparece-nos, pois, como a *gramática da vida*. E, porque brota da vida, sua leitura nos reenvia ao seu nascedouro, a vida, lugar no qual reclama ser lida, sentida e vivida, fazendo ouvir o seu apelo que, de maneira tão bela, aparece na pena do poeta Gonçalves Dias: “Penetra na vida...” (DIAS, 1999, p. 36).

Quando penetramos a vida, deparamo-nos com uma realidade opressora e injusta, no interior da qual se faz ouvir o grito de angústia dos empobrecidos[3]. Quando

[2] As citações encontram-se, respectivamente, em Ct 4,11; 7,10; 5,3; 7,9; 7,3; 2,5.

[3] No Brasil, por exemplo, seis brasileiros – todos homens brancos – detêm a mesma riqueza que a metade mais pobre da população, 100 milhões de pessoas; os 5% mais ricos do país recebem por mês o mesmo que os demais 95% juntos; 54,8 milhões de pessoas (1/4 da população) estão abaixo da linha

passamos a ler a Bíblia desde a vida do povo sofrido, descobrimos isto: que junto ao empobrecidos, a Bíblia se abre como uma flor em tempo primaveril, protestando contra a aridez dos opressores e animando o povo a lutar para que as pedreiras sejam transformadas em cativantes jardins.

Ao ler a Bíblia a partir de sua vida sofrida, o povo empobrecido descobre que o Deus da Bíblia opta pelos pobres, faz-se pobre e habita os pobres. Para os pobres, o Deus crucificado não é apenas um tema teológico, é a experiência cotidiana de seus próprios corpos. Por isso, igualmente, a ressurreição de Jesus Cristo lhes aparece como inspiração a que lutem para que a vida tenha sempre a última palavra.

Eis, pois, o que me parece ser a intuição fundamental da LPB: que a Bíblia deve ser lida com os pobres e a partir da vida concreta dos pobres[4].

3 A prática da LPB nas comunidades

Tomando como inspiração a narrativa lucana dos dois discípulos e Jesus no caminho de Emaús em Lc 24,13-35 (MESTERS, 1995), costumamos seguir, em nossos círculos de LPB, o seguinte roteiro:

1) Acolhida: a) um canto inicial; b) criação de um ambiente aconchegante; apresentação do que será refletido, meditado e rezado; c) invocação da luz do Espírito Santo.

2) Refletir sobre a vida: a comunidade expõe problemas atuais da vida. (*Dobradiça ou elemento de passagem para o ponto 3: ficar em pé, acender uma vela, entoar um canto de aclamação etc.)

3) Ouvir a Palavra de Deus: a comunidade lê e escuta a Bíblia para iluminar os problemas da vida e ajudar a descobrir neles as interpelações de Deus. (*Momento de silêncio: silenciar para acolher a Palavra.)

4) *Descobrir a palavra de Deus na vida*: este é o coração do círculo bíblico; aqui, por meio de perguntas, ligamos o texto à vida.

da pobreza – com renda domiciliar por pessoa inferior a R$ 406 por mês –, dos quais 25,536 milhões vivem no Nordeste (44,8% da população do Nordeste).

[4] Na LPB, a ordem metodológica é, em grande medida, determinada pela ordem da realidade. Como na ordem da realidade a vida vem antes da Bíblia, esta deve ser lida a partir daquela.

Passo 1: *Prestar atenção no texto*: partilhar o que mais chamou atenção no texto.

Passo 2: *Ligar o texto com a vida*: através de algumas perguntas, vamos ligando o texto com o assunto da vida, já discutido no início da reunião.

Passo 3: *Tirar um compromisso*: a comunidade se interroga sobre o que ela, enquanto comunidade, pode fazer de concreto na vida à luz dos apelos de Deus.

5. Oração e compromisso: a comunidade traduz em preces o compromisso que assumiu.

Este roteiro e a LPB como um todo, que se inspiram na narrativa lucana supracitada, assentam-se sobre quatro fundamentos (GAMELEIRA, 2015, p. 28-29): 1) *fundamento epistemológico*: "porque concebemos o conhecimento como tarefa de elaboração coletiva", a LPB é comunitária, católica[5], ecumênica e portadora da Tradição; 2) *fundamento político*: porque temos um horizonte político, a LPB inclui em seus meios os seus fins: a justiça, a partilha e a solidariedade; 3) *fundamento eclesiológico*: queremos uma Igreja alicerçada na comunhão do corpo de Cristo e a serviço do mundo; 4) *fundamento teológico*: lemos a Bíblia com os pobres, a partir dos pobres e em íntima comunhão de vida com os pobres, pois o pobre é o lugar teológico, ou seja, é onde Deus se revela, é onde lemos a Bíblia com Jesus.

A LPB, mais do que uma abordagem bíblica, é um caminho espiritual de encontro com o Mistério na vida dos pobres, onde ouvimos o Mistério a dizer-nos:

> *"Se perseguires a minha fragrância, chegarás às favelas.*
> *Se quiseres tocar-me, tuas mãos haverão de correr por sobre a pele dos pobres.*
> *Se desejares ver o meu rosto, encosta a tua fronte na testa dos pobres.*
> *Se quiseres comungar do meu corpo e do meu sangue, acolhe a lágrima sangrenta do pobre e torna-te pão para ele.*
> *E se desejares ouvir minha voz, encosta tua cabeça no peito do pobre e te segredarei o Mistério da Vida*"[6].

[5] A LPB não se restringe à comunidade local, mas se põe como um instrumento de elaboração do *sensus fidelium* (GAMELEIRA, p. 26).
[6] CERQUEIRA, Kinno Alves. *Pedaços de mim* (texto não publicado).

Referências

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

DIAS, Antônio Gonçalves. Canção do Tamoio. In: FACIOLI, Valentim; OLIVEIRI, Antonio Carlos (orgs.). *Poesia brasileira*: romantismo. São Paulo: Ática, 1999.

MESTERS, Carlos. *Círculos bíblicos*: Jesus, nosso irmão: entre nós está e não o conhecemos (Série: a Palavra na vida). Belo Horizonte: CEBI, 1995.

GAMELEIRA, Sebastião Armando. *A missão de Deus*: recriar a vida. São Leopoldo: CEBI, 2015.

CERQUEIRA, Kinno Alves. *Pedaços de mim* (texto não publicado).